



miguilim

revista eletrônica do netfli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS EM INTERAÇÕES ATRAVÉS DO TWITTER: UM OLHAR PARA OS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO



THE CONSTRUCTIONS OF MEANINGS IN INTERACTIONS THROUGH TWITTER: A STUDY IN THE PROCESS OF TEXTUALIZATION

Luiza Helena Lima
Luiz Eleildo Pereira Alves

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 01/07/2020 • APROVADO EM 03/11/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2593>

Resumo

Neste trabalho analisamos como os processos de textualização estão implicados nas construções de sentidos em interações através do *Twitter*. Fundamentados em perspectivas sociocognitivistas (DEMÉTRIO, 2018; SALOMÃO, 1999; COSTA, MONTEIRO e ALVES, 2016), apresentamos conceitos, como o de texto (BEAUGRANDE, 1997), textualidade, contexto, emergência e incorporação (HANKS, 2008), entre outros, que se fizeram necessários para orientar a nossa análise. Nosso trabalho é bibliográfico e documental. Seleccionamos como *corpus* seis *tweets* de usuários da rede social e a partir deles analisamos os processos de

textualização. Nossa análise possibilitou considerar que os processos de textualização são necessários para a construção de sentidos e que todos os processos por nós citados no decorrer da pesquisa são concretizados na interação entre os indivíduos.

Abstract

This paper analyzes how the textualization processes are involved in the construction of meanings in interactions through Twitter. Based on socio-cognitive perspectives (DEMÉTRIO, 2008; SALOMÃO, 1999; COSTA, MONTEIRO e ALVES, 2016), this study presents concepts such as text (BEAUGRANDE, 1997), textuality, context, emergence and incorporation (HANKS, 2008), among others that were needed to guide the analysis. This work is bibliographic and documentary. It was selected as corpus thirteen tweets from network users related to a guiding tweet, and an analysis was made of the various relationships that the guiding publication has established with the other publications and how the co-authors' engagements worked. The analysis made possible considering that the textualization processes are necessary to the construction of meaning and that all the processes cited in the study during the course of the research are realized from the interaction between individuals.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Sociocognição. Textualização. Interação no *Twitter*.

KEYWORDS: Social cognition. Textualization. Twitter interaction.

Texto integral

O surgimento da internet proporcionou, ao longo dos últimos anos, uma intensa transformação das nossas práticas sociais, sobretudo por conta das mídias sociais digitais, como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *YouTube* etc.

Em vista disso, neste trabalho olhamos para os processos de textualização que acontecem na interação digital, pois nesse meio é possível acessarmos algumas pistas de textualização materializadas em comentários, apesar da dinâmica com a qual os sujeitos interagem.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar como os processos de textualização estão implicados nas construções de sentidos em interações através do *Twitter*. Partindo de uma definição de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), nossos exemplos tentam ilustrar que, em processos de (re)textualização, há constantes deslocamentos para os níveis linguísticos, sociais e cognitivos. Obviamente, por nos situarmos dentro da perspectiva sociocognitivista, sabemos que essas dimensões do texto como evento, apresentadas por Beaugrande (1997), estão intrinsecamente relacionadas. No entanto, nossos exemplos nos mostram como, no processo interativo, as informações “deslizam” de um para outro nível, colocando-o em evidência.

Este artigo está organizado da seguinte forma: primeiro apresentamos esta seção de introdução, na qual tentamos elucidar nosso propósito de pesquisa. A seguir, discutiremos nossa fundamentação teórica que tem como base a perspectiva sociocognitivista de texto; na seção de análise, iniciamos apresentando algumas informações metodológicas. Por se tratar de informações um tanto curtas, optamos por juntá-las à seção de análise dos *tweets*. Nessa seção explicamos como os *tweets* foram selecionados e organizados. A análise foi apresentada na forma de transcrição, buscamos repassar, dentro do possível, os textos como estavam apresentados na rede social de origem. Em busca do nosso objetivo, escolhemos um *tweet* e lançamos os nossos olhares para a forma como as demais interações foram construídas a partir dele; por fim, apresentaremos algumas considerações finais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A concepção de texto discutida neste artigo filia-se à sociocognição, que para Demétrio (2018, p. 16) “é uma linha teórica que se abstém, ela mesma, de pleitear qualquer postura dogmática ao postular a realidade como um efeito situada e socialmente validável, não como um dado”. Dessa forma, entendemos que a perspectiva epistemológica em que nos pautamos está muito além de ser compreendida como a mera soma de aspectos sociais aos cognitivos (DEMÉTRIO, 2018), mas tenta contemplar a complexa rede que se estabelece na “*continuidade* essencial entre *linguagem, conhecimento e realidade* que não as reduz entre si, mas as redefine em sua fragmentária identidade (como realidade, ou como conhecimento, ou como linguagem)” (SALOMÃO, 1999, p. 71, grifos nossos) a partir do que se torna necessário no momento de interação humana.

Como elucidam Costa, Monteiro e Alves (2016), a Sociocognição é uma perspectiva que abandona a percepção do “isto ou aquilo”, que se nega a trabalhar com oposições para compreender o que acontece na amálgama entre os múltiplos sistemas envolvidos no(s) processo(s) de linguagem.

Percebemos que a complexa atividade de linguagem proposta pela visão sociocognitivista altera radicalmente a proposta de um mundo essencialmente materializado e construído para todo o sempre com verdades que lhe são absolutas. A complexidade epistemológica da sociocognição mexe, essencialmente, com a definição de texto, uma vez que são eles os enunciados reais através dos quais a linguagem se manifesta.

A seguir, portanto, trataremos do conceito de texto proposto por Beaugrande (1997), bem como contaremos com a contribuição de outros tantos autores que se propuseram a discutir o assunto.

1.1 CONCEITO DE TEXTO

Para Beaugrande, o texto é “como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas, e sociais, e não apenas como a sequência de palavras que foram ditas ou escritas” (BEAUGRANDE, 1997, p. 11 *apud* COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p. 48). Costa, Monteiro e Alves (2016), ao refletirem sobre essa definição proposta pelo autor, chamam a atenção para o fato de que, ao mencionar elementos linguísticos, Beaugrande está aludindo à concretude do texto. No entanto, também devem ser levados em consideração outros fatores semióticos. Beaugrande compara o texto a um *iceberg*, já que a priori há apenas uma pequena parte da matéria exposta, mas, para além disso, há uma entidade completa e complexa que envolve muito mais do que foi exibido inicialmente.

Para o referido autor, o texto pode ser classificado como um multissistema, pois engloba diversos elementos conectados, como “sons, palavras, significados, os participantes do discurso, as ações em um plano, e assim por diante” (BEAUGRANDE, 1997, p. 11, *apud* COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p. 48). Cada elemento possui a capacidade de exercer inúmeras funções em um mesmo texto.

É importante destacar que, para Beaugrande (1997), a utilização e compartilhamento da língua ocorrem de maneira interligada “ao conhecimento partilhado sobre o mundo e a sociedade” (*apud* COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p. 48), fazendo com que seja possível haver compreensão entre os falantes. Marcuschi complementa essa concepção:

são as coincidências entre crenças construídas culturalmente que aproximam os discursos, que proporcionam visões análogas sobre os objetos mundanos e, portanto, fazem emergir eventos que apresentam semelhanças, sem que se constituam em simples repetições, cada vez que ocorre a textualização a partir da materialidade semiótica (MARCUSCHI *apud* COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p. 49).

Beaugrande (1997) destaca que o sistema linguístico não possui apenas regras, uma vez que isso faria com que fossem muito gerais ou muito específicas, o que atrapalharia a forma como ele é empregado nas diversas situações. Logo, “ao considerar as estratégias parte constitutiva da linguagem, o autor descarta a ideia de que os usos linguísticos possam ser pré-estabelecidos e admite serem as escolhas linguísticas definidas nas e pelas práticas discursivas” (COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p. 49). Tal característica alinha-se muito bem à definição de Sociocognição, como vimos anteriormente.

A dinamicidade atribuída ao conceito de texto com o qual lidamos assemelha-se muito à dimensão comumente atribuída apenas aos textos que circulam nas mídias sociais, razão pela qual achamos pertinente discutir os argumentos apresentados em Marcuschi (2005), em que o autor deixa claro que o texto impresso e o hipertexto são textos – parece óbvio, mas é necessário deixar ainda mais explícito – e que por isso não há como traçar uma dessemelhança clara entre eles.

Marcuschi (2005) destaca que o hipertexto não possui um centro, é caracterizado por sua falta de delimitações, e que, assim possibilita diversas formas de interação. Nas palavras do autor:

Metáforas comuns para designar essa falta de centro do hipertexto são as noções de *labirinto*, *rede*, *tentáculo*, *paisagem*, *tecido* e outras nessa mesma linha. Paralelamente a isso, a leitura é denominada por metáforas do tipo *navegação*, *nomadismo*, *caminhada*. Essas expressões sugerem sempre um aspecto saliente, ou seja, a falta de uma ordenação tradicional (MARCUSCHI, 2005, p. 7, grifos do autor).

Diferente do texto impresso, em que o autor é determinado e que há diferença clara entre quem produz o texto e quem o lê, o hipertexto permite que essa relação seja mais aberta, já que é possível que o leitor possa fazer alterações no texto, às vezes de forma direta ou indiretamente.

Marcuschi ao explicar como então podemos compreender a forma de construção de sentidos no hipertexto, deixa claro que:

A única coisa que se pode dizer é que os “arranjos de poder tradicionais e hierárquicos” modificam-se na relação escritor-leitor no caso do hipertexto a ponto de desaparecer a “identidade autoral intocável” surgindo os movimentos de negociação e redistribuição desse poder (Johnson-Eilola, 1994:213 *apud* MARCUSCHI, 2005, p. 14).

Esse movimento, entendido por Marcuschi (2005) como “tentacular” leva o autor a questionar como construímos coerência. Afirma Marcuschi (2005) que a coerência se constrói no complexo fluxo de interações em que o leitor vai fazendo enquadramentos considerando aquilo que vem a ser mais relevante em meio à “dispersividade discursiva” na qual estamos, a todo momento, situados. A noção de enquadramento, proposta por Marcuschi (2005) alinha-se, a nosso ver, com a ideia de estratégias, proposta por Beaugrande (1997). Seria, pois, a estratégia, não algo plenamente definido pelo leitor, como uma trilha a ser sempre seguida, mas um direcionamento inicial, um tatear de rumo que vai sendo direcionado pelas experiências anteriores, mas que também se modifica na e pela situação emergente. Ao entender que no dia a dia, seja indo de casa para o trabalho ou sentados no sofá da nossa casa, estamos constantemente selecionando textos e construindo sentidos diversos, Marcuschi (2005) propõe que todo texto é, na verdade, hipertextual, pois suas características estão presentes também nos textos estáticos.

A respeito dos enquadramentos feitos pelo sujeito leitor, é importante salientarmos que não são sempre decisões arbitrárias desse (o leitor), que é também um dos elementos do sistema textual. Na verdade, a “relevância” do que é

selecionado e trazido para o processo de construção de sentido tem a ver com os outros elementos que emergem situadamente. Por exemplo, indo de casa para o trabalho, é comum nos depararmos com diversos tipos de anúncios enquanto o motorista do nosso ônibus sintoniza uma rádio de notícias, enquanto um carro-som passa anunciando um show de forró e enquanto, ao mesmo tempo em que tudo acontece, conversamos com dois ou três amigos via *WhatsApp*. Como construímos coerência nisso tudo? Ora, a coerência constrói-se no processo de “seleção de informações” que julgamos ser mais importantes. Ao ser questionado sobre essa viagem, podemos não saber quantas notícias diferentes passaram na rádio, ou quando será o show de forró que estava sendo anunciado, mas conseguimos conversar com nossos amigos sobre assuntos diversos ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, ou seja, fomos acessando os “*links*” que eram mais relevantes e isso foi fazendo que construíssemos sentido.

Agora, tomando a mesma situação, imaginemos que estamos procurando um apartamento novo. Nessa viagem, certamente iremos considerar os diversos anúncios, placas de “Aluga-se”, etc. que aparecerão no nosso percurso. Isso porque há uma situação em que essas informações passam a ser relevantes, logo, as placas de aluguéis de apartamento farão parte do nosso texto, que está sendo construído no caminho casa-trabalho. Além dessas placas, diversas outras informações podem chamar nossa atenção e, desta forma, passam a fazer parte do nosso texto, porque vão sendo “enquadradas” por conta da “relevância” que possuem.

Esses exemplos nos levam a perceber que, embora o leitor seja o centro organizador do hipertexto (lembramos que agora estamos considerando essa característica como inerente a todo processo textual digital ou não), e é importante que pensemos assim, uma vez que esse leitor é um sujeito ativo situado em contextos específicos e capaz de mobilizar cognitivamente as informações necessárias no processo de construção de sentido, ele não é o “responsável” pleno por essa construção, pois nem sempre o leitor determina o que será “relevante” e, por consequência, enquadrado. Muitas vezes a relevância dá-se instantaneamente por conta de pistas que emergem do campo semiótico-simbólico-demonstrativo (HANKS, 2008).

Por hora, tomemos a importante discussão feita por Marcuschi (2005) e retomemos o que propõe Beaugrande (1997). De fato, se aceitarmos a dimensão hipertextual como característica essencial ao que chamaremos mais adiante de processo de textualização, conseguiremos com mais facilidade aceitar e compreender a proposta de texto como evento comunicativo.

Após apresentarmos o conceito de texto e hipertexto, refletiremos na seção seguinte sobre a textualidade e apresentaremos o que entendemos por processo de textualização, outro conceito de suma importância para este trabalho.

1.2 DA TEXTUALIDADE À TEXTUALIZAÇÃO

Ao falarmos de textualidade, somos levados a recordar a proposta de Beaugrande e Dressler (1981), que apresentam sete critérios que levam um texto a

ser um “texto”, mais conhecidos como fatores de textualidade. Para os autores, esses fatores são de duas naturezas: de *natureza linguística e conceitual*, a coesão e a coerência; e de *natureza social e pragmática*, a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade.

Ora, se retomarmos a proposta de texto apresentada em Beaugrande (1997) e aprofundada por Marcuschi (2005), como vimos anteriormente, podemos retomar aqui o que seria, na perspectiva do texto como evento, a coerência, não mais entendida como restrita aos aspectos linguísticos, apenas, mas decorrente do complexo processo hipertextual. Onde estaria, portanto, a coerência? Em lugar material nenhum. O que temos são pistas, uma vez que a mera restrição às normas, ou seja, à materialidade linguística, não pode ser tida (como comumente se pensa) como determinante da coerência, uma vez que há vários outros processos envolvidos. Entender que “um texto só é texto quando alguém o está processando” (BEAUGRANDE, 1997) implica dizer que os sentidos são diversos, o que também não nega a relevância da materialidade, uma vez que ela é parte integrante do processo textual. Precisamos considerar, no entanto, que embora não possamos entender a materialidade como o “todo textual”, ela é de suma importância, pois nela se encontram condensadas as informações que serão “amplificadas por um ouvinte/leitor” (BEAUGRANDE, 1997).

Dessa forma, a construção da coerência é dinâmica, não restrita apenas à materialidade, mas funcionando muito mais como uma “consequência” de todo esse complexo processo que, por ter uma natureza tão dinâmica, é melhor definido (se é que há definições melhores ou piores, uma vez que toda definição é por natureza restritiva) pelo conceito de *textualização*, termo que para nós dá mais lugar à dinâmica desse processo, uma vez que, como sinalizamos no começo desta fundamentação teórica, sob a égide da Sociocognição, a linguagem não funciona com o objetivo de “criar sequências arbitrárias de símbolos, nem para disponibilizar repertórios de unidades sistemáticas” (SALOMÃO, 1999, p. 65), mas, sim, como um instrumento cognitivo que “aciona um conjunto de princípios aparentemente simples, gerais e limitados, operativos sobre bases de conhecimento subjacentes na memória, ou presentes, como contexto, na situação comunicativa” (SALOMÃO, 1999, p. 65).

Por ser o contexto, aqui já falado inúmeras vezes, um elemento essencial ao processo de textualização, passamos a discuti-lo a seguir.

1.3 CONCEITO DE CONTEXTO

Nesta seção discutimos sobre contexto baseando-nos em estudos de Hanks (2008). Consideramos que abordar esse assunto contribui para a compreensão do trabalho apresentado.

Há diversas formas de compreender o contexto, no entanto a forma “como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de

enunciados, práticas sociais, dentre outros” (HANKS, 2008, p. 174). Atualmente acredita-se que a maior parte da construção de sentido se deve ao contexto.

Para compreender melhor o estudo do contexto, Hanks (2008) apresenta as duas dimensões as quais ele acredita serem necessárias para isso, são elas: *emergência e incorporação*.

A primeira designa aspectos do discurso que surgem da produção e da recepção enquanto processos em curso. Ela diz respeito à atividade mediada verbalmente, à interação, à co-presença, à temporalidade, em um contexto restrito com um fato sensível (em termos fenomenológicos), social e histórico. Já a incorporação (*embedding*) designa a relação entre os aspectos contextuais relacionados ao enquadramento (*framing*) do discurso, sua centração ou seu assentamento (*groundedness*) em quadros teóricos mais amplos (HANKS, 2008, p. 175).

Nessas duas dimensões, podemos identificar a *emergência* como focada inicialmente no “local da produção do enunciado” (HANKS, 2008, p. 175), e a *incorporação* relacionada a um contexto numa escala maior. Normalmente encontramos essas noções na forma de “A emergência está associada ao chamado tempo real da produção do enunciado e da interação, e a incorporação descreve a situação dos enunciados em algum contexto mais amplo” (HANKS, 2008, p. 175). Porém a emergência pode estar atrelada a “níveis temporais diferentes”, bem como a incorporação pode ser aplicada em “campos mais locais de produção” (HANKS, 2008, p. 175).

O contexto visto como uma situação momentânea envolve inúmeros fatores. Nas palavras de Hanks: “De acordo com Schutz, os sujeitos sociais se desenvolvem em um mundo de relações intersubjetivas, no qual outros são dados para eles como objetos no espaço e como outros eus” (SCHUTZ, 1970, *apud* HANKS, 2008, p. 176). Esses sujeitos fazem parte de um todo, que estão situados em um mundo. Em momentos de interação, há a presença dos sujeitos em um lugar e tempo em comum, “os fenomenólogos chamam de atitude natural” (HANKS, 2008, p. 176). Ainda falando sobre a interação dos sujeitos, o autor afirma que “o corpo do outro é primariamente um campo de expressão tomado como sendo significativo, não um mero objeto concebido”.

Hanks (2008) fala sobre situação, conceituando-a como um lugar em que há capacidade mutual de monitorização em que os sujeitos são capazes de alcançar um ao outro, com isso ele apresenta as condições disso:

1. Há pelo menos dois participantes que co-ocupam o mesmo tempo objetivo (que Schutz [1970a:165ss] distingue do tempo psicológico e da experiência constituída de tempo-espaço), no qual as percepções e os gestos expressivos desenrolam-se sequencialmente.
2. Cada participante da situação é presente corporalmente, podendo ser percebido e sendo capaz de perceber o outro.

3. A situação é um campo de possibilidades de monitoramento mútuo, o que acarreta a capacidade dos co-ocupantes perceberem e prestarem atenção uns aos outros (HANKS, 2008, p. 177).

Essas condições apresentadas têm a ver com: “cooperação mútua, co-ocupação do mesmo espaço-tempo e reciprocidade” (HANKS, 2008, p. 177).

O autor passa a falar sobre cenário, argumenta que ao considerar “os atos socialmente identificáveis, as expectativas, a compreensão mútua entre as partes, e um sistema de relevância” (HANKS, 2008, p. 179) formulamos esse conceito. Porém considera que a relevância sempre irá depender das vivências de cada indivíduo.

Para compreender a emergência é preciso também saber sobre os campos semiótico, simbólico e demonstrativo, Hanks (2008) apresenta esses conceitos propostos por Buhler (1934). O primeiro tem a ver com as “palavras, de outros signos e dos conceitos que eles representam” (HANKS, 2008, p. 181). Já o segundo é considerado “um cenário interpessoal imediato no qual um enunciado é produzido” (HANKS, 2008, p. 181). O terceiro acredita-se que “converte o cenário interativo em um campo de signos” (HANKS, 2008, p. 182). Hanks deixa claro que situação, cenário e campo demonstrativo são considerados emergentes, já que se desenrolam no tempo.

Hanks (2008) esclarece que esses campos apresentados não são independentes, só são assim apontados, porque dessa forma facilita a compreensão, “no curso da vida social, não há situação que não esteja intimamente ligada a um cenário e não há cenário separado de semiose” (p. 184) essa relação se dá diretamente na incorporação.

Dissemos que quando um nível ou esfera contextual é incorporado (a) a outro, o nível incorporante herda determinadas propriedades daquele incorporado, que o transforma, e que serve como um horizonte operativo no qual o nível incorporado é compreendido (HANKS, 2008, p. 187).

Campo social é outro conceito comentado por Hanks (2008), ele acredita que isso se trata de “um espaço delimitado de posições e de tomadas de posição por meio das quais valores circulam no interior do qual agentes possuem trajetórias ou carreiras e se engajam em vários *footings*” (p. 187) – o termo em inglês tem a ver com competição, colaboração, estratégia etc.

Quanto aos sujeitos presentes no processo de produção discursiva, Hanks diz que eles são “parte-chave do contexto” (2008, p. 191), estando sozinhos ou em grupos, analisando o contexto de forma local ou não local.

Portanto, para Hanks (2008, p. 199), emergência e incorporação são necessárias para a compreensão contextual, elas “definem um espaço de contextualização mais produtivo e realístico do que qualquer outro”.

Para entender melhor esse movimento de emergência e incorporação, recorramos ao exemplo utilizado por Bentes e Rezende (2008) a partir da história narrada por Blommaert (2005, p. 42):

Há algum tempo, eu e uma colega pesquisadora fomos a uma conferência juntos. Nós tínhamos dado entrada no hotel e eu, assim que entrei no meu quarto, descobri que este tinha uma sacada [balcony] que permitia uma bonita visão de uma parte da cidade. Meia hora depois, eu e minha colega nos encontramos no saguão do hotel e saímos para jantar. Enquanto caminhávamos para fora do hotel, eu perguntei a ela: "Você tem uma sacada tão bonita assim também?" O termo *balcony*, em nossa língua nativa, o holandês, é, entre outras coisas, um termo rude e profundamente machista/sexista usado para se referir aos seios femininos. Enquanto fazia a pergunta, eu não percebi uma mulher que vinha caminhando na direção oposta a nossa, usando um "top" de verão bem decotado, expondo parte de seus seios. Infelizmente, minha colega pesquisadora notou essa mulher – minha colega percebeu essa pista de contextualização – e o termo *balcony* rapidamente adquiriu um significado muito sugestivo, sexualmente ofensivo, que me demandou uma explicação detalhada e tentativas de reparo pela ofensa feita (BLOMMAERT, 2005, p. 42 *apud* BENTES; REZENDE, 2008, p. 41).

A partir da história narrada por Blommaert (2005), Bentes e Rezende (2008) tratam da dimensão contextual proposta por Hanks. Tentando relacionar essa dimensão ao que propõe Marcuschi (2005), pensemos, por exemplo, a respeito dos elementos que influenciaram o "mal-entendido" ocorrido: o fato de Blommaert estar olhando para a sacada enquanto sua amiga olhava o caminho e, conseqüentemente, a mulher que apareceu caminhando do outro lado, a Carga Cultural Compartilhada (BARBOSA, 2009) que a palavra *balcony* carrega, o fato de Bloommaert ser homem, a situação social mais ampla que faz que as mulheres estejam sempre na defensiva em relação aos homens por conta de enunciados machistas, infelizmente, comumente disseminados etc., tudo isso cooperou para o enunciado de Bloommaert fosse reenquadrado pela amiga dele.

Ao refletirmos sobre a mulher que surge de "top" na mesma rua, percebemos que a relevância, que discutimos a partir de Marcuschi (2005), não decorreu de um enquadramento motivado pelos leitores (sujeitos da interação), uma vez que a amiga de Bloommaert não "escolheu" conscientemente olhar para a mulher no exato momento em que o amigo enunciava: "Você tem uma sacada tão bonita assim também?". No entanto, toda a questão simbólica da posição social da mulher e do homem, as definições semânticas do termo *balcony* e muitos outros elementos colaboraram para que o processo de textualização resultasse em um desacerto entre o propósito comunicativo de Blommaert e o que sua amiga de fato compreendeu.

Podemos perceber, dessa forma, como o contexto constrói-se, a partir da dinâmica de emergência e incorporação (HANKS, 2008), de forma imbricada a outros elementos de textualização. Dentre eles, podemos destacar, por exemplo, a recategorização que a palavra *balcony* sofre no exemplo acima. Todos esses elementos presentes no processo de textualização, portanto, alinham-se perfeitamente à visão da Sociocognição, que é, de acordo com Demétrio (2018, p. 17), “o pilar da concepção da referência como atividade processual”. É justamente a respeito dos processos referenciais que tratamos a seguir.

1.4 REFERENCIAÇÃO

A referência, numa concepção mais antiga, tinha como função “fazer referência ao mundo de forma especular, sendo atribuída às palavras a função de etiquetas para os conceitos, concebidos como representações, no geral, estáticas” (CAVALCANTE *et al.*, 2017, p. 95). Acreditava-se que, por ser algo estático, seria uniforme, cada palavra carregaria em si um conceito próprio, independente de quem interagisse com ela. Porém, de acordo com Cavalcante *et al.* (2017), atualmente considera-se que a referência não pode ser determinada como se fosse construída por conceitos petrificados. Para Cavalcante:

a construção dos sentidos deve ser vista como situada histórica e socialmente e como portadora de natureza plástica, uma vez que resulta de um processo de negociação entre os sujeitos nas práticas discursivas (CAVALCANTE *et al.* 2017, p. 96).

Partindo desse ponto, é possível entender que há uma combinação de sentidos entre os sujeitos que participam do processo. Por conta disso, os estudiosos sociocognitivistas escolheram utilizar o termo “referenciação” ao invés de “referência”, como sugerido por Mondada e Dubois (2003). Tudo isso se relaciona com a ideia de que o texto é dinâmico, em que por ele os sujeitos são construídos e nele se constroem diante da interação (KOCH, 2008). Koch (2008) explica:

No momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos –, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (KOCH, 2008, p. 32).

A perspectiva sociocognitivista considera possível entender a referenciação tendo a sociocognição como uma teoria que reúne pressupostos com o objetivo de estudar a relação entre linguagem e vida social. Essa abordagem científica defende essencialmente que, para captar os sentidos, é indispensável se utilizar dos

próprios saberes, esses são construídos a partir do contato entre sujeitos e o mundo. Esses estudos concluem que o sujeito “sempre constrói os sentidos para alguém (mesmo que este alguém seja ele próprio)” (CAVALCANTE *et al.*, 2017, p. 92).

De acordo com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, *apud* CARVALHO e LIMA, 2014, p. 633), os objetos postos nos textos podem ter sua significação modificada de acordo com a finalidade dos sujeitos do discurso. Esses autores configuram a recategorização como uma estratégia em que os componentes referenciais podem ser modificados de acordo com os sujeitos do discurso e o momento em que se dá a situação comunicativa. De acordo com Lima (2003, *apud* FEITOSA *et al.*, 2017), de início a recategorização foi vista como uma forma em que os sujeitos do discurso reapresentam um objeto, quando acham necessário. Os estudos foram feitos a partir da análise de expressões anafóricas, sendo atribuídos a eles não só a função de referência, mas também a função de transformar um objeto no discurso, o que seria chamado de recategorização.

Nas palavras de Carvalho e Lima “um falante pode, na designação de um referente, deixar de lado a sua denominação-padrão e dependendo das suas necessidades comunicativas fazer adequações à expressão por um processo de recategorização lexical” (CARVALHO; LIMA, 2014, p. 634).

Dentre os estudos que discutem os processos de referenciação, chama-nos a atenção a Teoria da Acessibilidade proposta por Ariel (2001). Essa teoria, que compreende que “as formas referenciais constituem instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória certa parte de uma determinada informação, pela indicação de quão acessível está esse pedaço de informação no discurso corrente” (ALVES, 2016, p. 43).

Alves (2016) nos auxilia a entender as ideias de Ariel (2001) em relação à construção dos referentes. O autor destaca as informações dadas por Ariel (2001) para o reconhecimento ou seleção de um referente, que devem levar em consideração três tipos de contextos, o “enciclopédico”, “de situação de fala” e “linguístico” (ALVES, 2016, p. 44).

Acreditamos ter sido possível, nesta fundamentação teórica, chamar a atenção para a dimensão complexa que possui o processo de textualização. Tudo que argumentamos foi uma tentativa de situar a perspectiva de texto com a qual lidamos que contempla esses múltiplos elementos. Na tentativa de ver como esses processos acontecem, na seção seguinte, apresentamos o *corpus* desta pesquisa e, em seguida, passamos a refletir sobre esse processo de textualização em uma interação via *Twitter*.

2 OS PROCESSOS DE RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS VIA *TWITTER*

O objetivo deste artigo é analisar como os processos de textualização estão implicados na construção dos sentidos em interações através do *Twitter*. Partindo de uma definição de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997),

nossos exemplos tentam ilustrar que em processos de (re)textualização, há constantes deslocamentos para os níveis linguísticos, sociais e cognitivos.

Os textos analisados foram retirados da rede social *Twitter*. O autor¹ do *tweet* norteador² é um usuário que, no momento dessa pesquisa, possuía um pouco mais de três mil seguidores, mas que costuma ter grandes números em suas interações³ (*retweets, curtidas e replies*), o que foi um dos fatores pelos quais escolhemos trabalhar esse texto, além do humor que vai sendo (re)construído ao longo da interação de outros sujeitos com esse primeiro *tweet*.

Diante de muitas possibilidades de interação, decidimos analisar alguns *replies*, que sustentam a nossa argumentação de que, no processo de retextualização há deslocamentos entre os níveis cognitivo, social e linguístico, como ilustra a imagem a seguir:



Realizamos a transcrição dos *tweets* escolhidos para a análise com o objetivo de manter em sigilo a identidade dos autores, mas temos consciência de que se faz distante da realidade da rede social, pois nela pode-se contar com ferramentas dispostas pelo site.

Apesar da seleção, os textos apresentados na análise estão na ordem em que estavam na rede social. Segundo as políticas do *Twitter*, eles ficam em ordem de relevância (considerando a correspondência de seguidores, o número de interações, etc.). Os exemplos analisados aparecem numerados em sequência, no intuito de melhor orientarmos o leitor ao longo da discussão que apresentamos, uma vez que uma hora ou outra convidamos o leitor a comparar exemplos. Por isso, antes de cada texto, colocamos (*X*), em que *X* representa o número de ordem do exemplo.

Feitas as devidas considerações, passemos ao *tweet* norteador a seguir:

(1) “o quadro LATA VELHA do luciano huck que em 10 anos passando na tv nunca teve uma velha de fato latindo”

Inicialmente pode-se observar que o usuário da rede social não teve qualquer preocupação em gramaticalizar o que foi dito. Percebe-se isso ao notar que ele não recorre à norma da língua: não utilizou letra maiúscula para iniciar o *tweet*, nem ao escrever um nome próprio, no caso, *Luciano Huck*, assim como

também não há preocupação com a pontuação. Ao usar *Lata Velha* em caixa alta, é possível acreditar que a pessoa que criou o *tweet* quis atentar o leitor para o termo. Fazer a utilização de letras em caixa alta é um ato reconhecido na internet como falta de etiqueta, pois acredita-se que a pessoa que está falando quis deixar claro que não é uma fala comum, mas também é utilizado como forma de destacar em um texto termos mais importantes, dar ênfase, mostrar indignação, normalmente quando os recursos de itálico ou negrito não estão disponíveis, ou até mesmo memes⁴ já conhecidos pelo possível público leitor.

Em (1), há menção a um programa de televisão que faz parte da vida do povo brasileiro, pois existe desde o ano 2000 e é considerado de grande audiência, o que explica sua permanência na programação da emissora. Quando o autor utiliza a expressão referencial *quadro*, o leitor, que partilha do conhecimento, compreende que se trata de uma parte do programa que possui características próprias, sempre com o mesmo objetivo, destinada especificamente para um assunto. Pois já faz parte do conhecimento em programas de televisão, de que esse tipo de entretenimento é organizado em *quadros*⁵. O que faz com que sejam reduzidas as chances do termo ser recuperado como sendo referente a um quadro objeto de decoração. Essa pista contextual aumenta o nível de acessibilidade do referente (ARIEL *apud* COSTA, 2007) ao relacionar a expressão referencial *Lata Velha* ao referente *Luciano Huck*, que funciona como âncora no processo de construção de sentido. Recordamos, ainda, Marcuschi (2001, p. 218) quando afirma “as referências textuais são construídas no processo discursivo”.

Voltando a (1), também nos chama a atenção a expressão *de fato*, presente em “uma *velha de fato* latindo”. Tal expressão é usada com o intuito de assegurar o sentido dicionarizado à palavra, podendo ser substituída também por “a sério” ou “na prática”, ou seja: o sentido metaforizado da expressão *Lata Velha*, que já é comumente aceito em nossa sociedade brasileira como referente de carro velho, e por isso podemos compreender o uso do termo pelo programa de TV, e que o sujeito, intuitivamente, para efeito de humor do seu *post*, sente a necessidade de chamar a atenção para o que seria o sentido literal dessa expressão.

Esse fato é curioso, pois no dia a dia, quase sempre que usamos literalmente, estamos diante de uma expressão já tão metaforizada, que se distancia do que seria seu sentido literal, cristalizando-se em seu sentido metafórico de tal forma que, quando a utilizamos em seu sentido literal, precisamos marcar isso discursivamente. Obviamente, o usuário da língua não fica a refletir sobre como acontece esse processo, mas enquanto analistas dessas situações de linguagem, mostram-se curiosos eventos como esse. Esse processo nos faz lembrar do que argumenta Salomão (1999, p. 66) acerca da escassez da forma linguística, uma vez que, conforme a autora, “o princípio da escassez da forma linguística manifesta-se através da subdeterminação do significado pelo significante”. Afinal de contas, salienta, “Se admitirmos este dinamismo na área da interpretação, entendida como atividade de construção conceitual, como imaginarmos um significante portador do sentido? Dentro do cenário que esboçamos, o sentido há de inevitavelmente escapar-lhe!” (idem).

Pode-se observar que o autor de (1) com o objetivo de causar humor produziu uma recategorização, utilizando *Lata* como verbo no imperativo, e *Velha*

como substantivo. Ao ler o discurso, podemos compreender, levando em consideração a emergência e incorporação (HANKS, 2008). No campo da emergência, surgem elementos que nos auxiliam no entendimento, alguns deles podendo ser observados apenas na publicação original, como, primeiramente, saber que é uma publicação de uma rede social em que o autor não possui compromisso com alguma empresa ou possui uma imagem a zelar, compreendendo isso a partir da análise da sua foto e nome do perfil, por tratar-se da utilização de uma animação, ao invés de uma foto de pessoa real, logo não possui obrigação em compartilhar fatos, diferentemente de contas que representam instituições, marcas etc.; que a falta de comprometimento com a norma da língua também é uma característica de humor, quando inserido nesse contexto; tudo isso, colabora para que compreendamos que o que é apresentado como conteúdo tem grande chance de ser caracterizado como humorístico. Já o campo da incorporação, segundo o próprio Hanks (2008, p. 144), “descreve a relação que se dá entre situações, cenários, campos demonstrativos, campos sociais, e *habitus*”. Essas duas noções foram apresentadas de formas dissociadas, porém elas acontecem simultaneamente no contexto.

Após a apresentação de (1), a partir de agora a análise passará a ser feita objetivando compreender os *replies* relacionados a ela. Analisando a relação feita entre os leitores e o texto.

(2) “É pq se a velha latisse n seria mais Lata Velha, seria Velha Latiu”

(2.1) “Não piora a situação irmão”

Em (2) temos um *tweet* e um *reply* dele (2.1), ou seja, o usuário que aparece em seguida está respondendo o *tweet* que aparece anteriormente. A partir desses textos é possível compreender que o autor da primeira resposta realizou uma nova recategorização para o termo *Lata Velha*, trocando o verbo no imperativo por sua forma no passado, e permanecendo com a palavra *Velha* como substantivo, tudo isso para conservação do efeito humorístico. Ou seja, ele valeu-se de um referente voltado para um significante dicionarizado.

Em seguida temos mais um *tweet*, no qual o autor diz: *Não piora a situação irmão*, de acordo com o contexto ele pode ser entendido como irônico, pois o texto criado pelo usuário nos permite compreender que ele achou que em (1) o autor já foi além do esperado, pedindo assim que o autor de (2) não continue com a ideia do autor de (1).

Em (3) analisamos um texto que não tem o objetivo de contribuir com o humor iniciado em (1), como vimos sendo complementado em (2), mas sim apresentar uma crítica.

(3) “O Luciano só sabe enganar e explorar a miséria dos outros”

Considerando um texto como multilinear, segundo Marcuschi (2005, p. 5), compreendemos que “um texto não contém toda proposta de sentido por insuficiência de explicitude”, ou seja, não precisa vir – e nem seria possível - nele explícito todas as possíveis formas de sentido por ele permitidas, ao ler, as pessoas são capazes de compreendê-lo de diferentes formas, fazendo enquadramentos a partir da sua visão de mundo e da relevância. Podem ser considerados eventos provisórios. E, às vezes, o que chama atenção para um tipo de leitor, não tem a mesma relevância para outro.

De acordo com a postagem, é possível entender o que foi dito como uma crítica social ao programa do apresentador Luciano Huck. O autor utiliza *enganar e explorar a miséria dos outros*, para ele o que o apresentador faz é humilhante com o povo que participa do seu programa. Há uma recategorização de *bondade*, implícita na ideia do quadro do programa de TV, uma vez que para muitos o *Lata Velha* é visto como uma iniciativa considerada boa, mas para o coautor de (3) é uma exploração da miséria das pessoas para ganhar audiência.

Sabe-se que geralmente quem participa são pessoas sem condições de comprar um novo carro ou mesmo de reformar o seu bem, essas pessoas se propõem a realizar qualquer tipo de tarefa diante do público para ter o veículo reformado pelo programa em mãos novamente. Essa interpretação foge do que foi comumente entendido pelos seguidores, pois é uma postagem de crítica, e não de humor, mas não pode ser considerada fora de contexto ou em desacordo com o tema inicial, pois considerando o que foi dito em (1), um hipertexto é construtivo (JOYCE, 1995, *apud* MARCUSCHI, 2005), ou seja, nesse caso, temos uma visão de que ele está em um espaço que permite que o leitor dê continuidade ao texto até mesmo contribuindo com novos conteúdos.

Em (3), na publicação original, o autor utilizou um emoji⁶, essa ferramenta nos permite compreender ainda mais que se trata de um texto com mais seriedade do que os outros que interagiram com (1), pois o emoji empregado é o que expressa tristeza.

Ainda falando sobre como autor de (3) produziu o seu texto de forma diferente aos demais, pensamos na relevância da dimensão de campo social, apresentada por Hanks como indispensável à construção dinâmica do contexto. Assim é a definição de campo social construída por Hanks:

Dissemos que quando um nível ou esfera contextual é incorporado(a) a outro, o nível incorporante herda determinadas propriedades daquele incorporado, que o transforma, e que serve como um horizonte operativo no qual o nível incorporado é compreendido (2008, p. 133-134).

Podemos entender que a esfera contextual do programa de televisão do Luciano Huck foi referenciada em (1), o que fez com que os seguidores pudessem recuperar o que foi dito pelo autor, e dele conseguissem retirar humor ou, nesse caso, uma crítica social. Temos como campo simbólico o *tweet* e a partir dele é

Mais uma vez, ao retomarmos as dimensões contextuais de emergência e incorporação, conceituadas por Hanks (2008), percebemos que o que foi digitado em (5) é fundamental que para ter acesso à compreensão, o leitor tenha incorporado esse cenário, que é o seriado memorado pela autora, se essas informações que deverão ser incorporadas não fizerem parte do conhecimento de mundo do leitor, ele não alcançará a compreensão da forma que a autora teve como objetivo.

A recategorização também está presente em (5) quando a autora recria essa noção de piada sem graça, chamando-a de *piada tipo Chandler*.

Apresentamos no exemplo (6) um novo texto que contém pistas de ironia.

(6) “Tudo por causa de uma vírgula...”

Para finalizar as análises, esse último exemplo apresenta uma contribuição diferente, pois faz uma observação quanto à pontuação feita em (1). Ou seja, ele está atento para o que é considerada a materialidade da língua. A falta desses elementos linguísticos não atrapalhou a compreensão de nenhum dos leitores, pois o texto está para além do que é emergente. Como é dito em Costa, Monteiro e Alves (2016, p. 48) “admitimos a ideia de que um texto é sempre hipertextual, isto é, sempre constrói sua coerência para além dos limites da materialidade que é mostrada no momento”, compreendemos os limites do texto como apresenta Bakhtin/Medvedev (1985. *apud* Hanks, 2008, p. 131) “os limites de todo artefato ideológico são flexíveis, no sentido de que este é interpenetrado pelos valores característicos do sistema social mais amplo que o excede. Ao invés de limites claros, os textos têm horizontes e avaliações ideológicas”.

Acreditamos que por mais que os textos possam ser considerados “completos”, para compreendê-los semanticamente é preciso juntar a eles “inferência, conhecimento de mundo e características linguísticas de uma situação comunicativa [...] é somente em união com o mundo sociocultural externo que ele se torna completo” (HANKS, 2008, p. 131).

Para esse último autor, se houvesse uma vírgula entre o verbo *lata* e o substantivo *velha*, o sentido do quadro apresentado na televisão seria outro, mudando para ser de fato o que o primeiro autor atentou em (1). Com certeza, a presença dos elementos linguísticos destacados por esse autor auxiliariam na compreensão; porém, nesse caso, não fez diferença. Nas palavras de Goffman (*apud* HANKS, 2008, p. 126) ele define como “fatores ‘meramente situados’” as “estruturas linguísticas e simbólicas que são instanciadas em enunciados, mas não dependem realmente da situação para sua definição”. Nas redes sociais essa presença marcada na materialidade do texto verbal não é relevante, considera-se que outros recursos semióticos cooperam para a construção de sentido. Conforme vimos no capítulo de fundamentação teórica, em que Beaugrande fala sobre como o sistema linguístico não é conduzido apenas por regras, pois isso o reduziria ou abrangeria demais.

A partir de Marcushi (2008) por mais que faltem elementos da materialidade do texto, pode haver uma ação conjunta entre os indivíduos, mostrando como o texto pode ser compreendido de diferentes formas, e como o fato de estar inserido em um contexto compartilhado ajuda nessa construção de sentido.

Na seção seguinte apresentaremos as nossas considerações finais, levando em consideração o que nos propomos desde o início da pesquisa, nosso percurso, e nosso olhar sobre o que conseguimos construir até aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do nosso trabalho foi analisar como os processos de textualização estão implicados nas construções dos sentidos em interações através do *Twitter*. Pluralizamos “construções” porque acreditamos, e esperamos ter sido possível demonstrar isso nesta discussão, que são diversos os sentidos, ou os percursos de sentidos em uma prática interativa.

Percebemos como os recursos utilizados parecem estar ligados à construção do humor. Os sujeitos do discurso conseguem acessar os mesmos campos simbólicos, semióticos e demonstrativos, dessa forma, compreendendo o sentido de humor. Trouxemos para a pesquisa um caso (3) em que o sujeito acreditou ser mais interessante perceber o *tweet* norteador não de forma humorística, mas sim com um olhar mais voltado para críticas sociais, e isso não quer dizer que não houve compreensão, mas que a partir da significação construída pelo sujeito, ele foi capaz de dar relevância a outros aspectos, que não o humorístico.

Ainda conseguimos identificar na análise os processos de textualização presentes na interação, como a emergência e incorporação, consideradas necessárias para a compreensão do texto; casos de recategorização, como por exemplo, quando os coautores trouxeram para o texto uma nova significação para os mesmos referentes, bem como quando foi utilizada uma imagem para representar o cenário real da coautora (exemplo 4), entre outros.

Consideramos, após nossos estudos, que os processos de textualização ocorrem a partir dos elementos de ordem social, linguística e cognitiva. Esses elementos estão intrinsecamente relacionados, mas em determinado momento, um ou outro ganha mais evidência a depender da situacionalidade em que o texto é vivido/lido/ressignificado.

Deixamos aqui uma reflexão sobre o quanto o texto é dinâmico, e que não é a sua estrutura que o determina. Ou seja, será que há uma limitação em relação até onde um texto alcança? Em nosso trabalho, acreditamos que tenha sido possível perceber que não há fronteiras claras para o evento textual.

Notas

- 1 A partir daqui usaremos os termos: usuário, autor e coautor, para nos referirmos às pessoas que criaram os *tweets*. Consideraremos coautores porque acreditamos que os *replies* acontecem como uma extensão do *tweet* norteador.
- 2 Disponível em: <https://twitter.com/r4ndyg/status/1161828655489855489?s=12>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.
- 3 Até o momento da coleta de dados para esta pesquisa, a postagem contava com 11,9 mil *retweets*, 41 mil curtidas, e 250 *replies*.
- 4 A respeito da definição de meme, ver Alves e Dantas (2019).
- 5 Definição de quadro segundo Infopédia: TEATRO - subdivisão de um ato de peça teatral em que o cenário varia; cena.
- 6 Segundo Adriano Padilha (2019) "Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e (imagem)* e *moji (letra)*, e é considerado um *pictograma* ou ideograma, ou seja, uma *imagem que transmite a ideia de uma palavra* ou frase completa".

Referências

- ALVES, L. E. *Filologia textual e linguística textual: Estudo de textos setecentistas à luz da teoria da acessibilidade*. 2016, 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux ob-jects-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l' Université de Neuchâtel, 1995. p. 227- 271.
- ARIEL, M. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS T; SCHILPEROORD, J. e SPOOREN, W. *Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects*. Philladelphia: Benjamins, 2001, p. 29-89.
- BAKHTIN, M. M; MEDVEDEV, P. M. *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Tradução A. J. Wehrle. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.
- BARBOSA, L. M. de A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], n. 10-11, p. 31-41, 2009. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p31-41. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59812>. Acesso em: 26 out. 2020.
- BEAUGRANDE, R; DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman. Linguistics Library, 1981.
- BEAUGRANDE, Robert. *New Foundations for a Science of Text and discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to knowledge and Society*. Norwood: Ablex. 1997.
- BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [com]textuais. In: SIGNORINI, I. (org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 19-46.
- BLOMMAERT, Jan. *Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BUHLER, Karl. *Theory of language: the representational function of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1934.

CARVALHO, F; LIMA, S. O fenômeno da recategorização em postagens do Facebook. In: LINGUÍSTICA TEXTUAL E PRAGMÁTICA. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/01/046.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

CAVALCANTE, M. M.; et al. Coerência e referenciação. In: *Linguística textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 91-107.

COSTA, M. Ariel e a noção de acessibilidade referencial: ampliando os limites do discurso. In: CAVALCANTE, M. M. et al. *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. v. 2, p. 20-35 Rio de Janeiro. 2007.

COSTA, M.; MONTEIRO, B.; ALVES, L. Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido. *Revista Diadorim*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 18, p. 42-66, 2016.

DEMÉTRIO, A. K. B. *Aspectos epistemológicos da sociocognição no discurso reflexivo de Clarice Lispector sobre o dizer: o malogro da voz e o esplendor de ter uma linguagem*. 2018, 255 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2018.

FEITOSA, B. A.; ANDRADE, J.; MONTEIRO, K. O Processo de Recategorização Metafórica na Construção do Gênero Meme. *Revista Porto das Letras*. Piauí. v. III, n. 1, p. 75-87 Estudos Linguísticos. 2017.

HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

JOHNSON-EILOLA, J. Reading and Writing in Hypertext: Vertigo and Euphoria. In: C. L. SELFE; S. HILLIGOSS (eds.) *Literacy and Computers. The Complications of Teaching and Learning of Teaching with Technology*. New York: The Modern Language Association of America, 1994, p. 195-219.

JOYCE, M. *Of Two Minds. Hypertext Pedagogy and Poetics*. Ann Arbor. Michigan: The University of Michigan Press. 1995.

KOCH, Ingedore. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LIMA, S. M. C. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). *Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 185-208.

MARCUSCHI, L. A. O papel da linguística no ensino de línguas. In: *Investigações: Linguística e Teoria Literária*. Recife, v. 13-14, p. 187-218, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. (Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante). In: CAVALCANTE, M. C., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.

SALOMÃO, M. M. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>. Acesso em: 18 ago 2019.

SHUTZ, A. *On phenomenology and social relations*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

Para citar este artigo

LIMA, Luiza Helena; ALVES, Luiz Eleildo Pereira. As construções de sentidos em interações através do Twitter: um olhar para os processos de textualização. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 1097-1118, set.-dez. 2020.

Os autores

Luiza Helena Lima é formada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará.

Luiz Eleildo Pereira Alves é doutorando em Linguística Aplicada (PosLA/UECE) e professor do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará.